

CAPÍTULO III

O espaço de participação e de fala dos alunos nos dois primeiros dias de aula

No capítulo 2 identificamos 3 categorias de ações da professora relativas às definições das condições de participação e de fala dos alunos: *Negociando a fala a partir do ouvir*; *Valorizando as vivências dos alunos* e *Ecoando a voz do aluno*. A partir dessa identificação estaremos buscando compreender como a professora busca construir o espaço de participação e de fala dos alunos no processo de alfabetização, e que ações foram tomadas por ela nesse sentido.

Para analisarmos a primeira categoria: *Negociando a fala a partir do ouvir*, observamos que há na coluna 6 do mapa de eventos (figuras 5,6 e 7 – cap. 2), uma recorrência da solicitação de que os alunos ouçam e estejam atentos, por meio do uso do termo *ouvir* ou palavras afins. Para melhor identificar essa recorrência selecionamos recortes/segmentos de fala.

A segunda categoria: *Valorizando as experiências dos alunos*, concentra-se em recortes de fala de dois subeventos: *Cotidiano dos alunos* e *Conhecimentos sobre história infantil* que fazem parte do evento *Iniciando as práticas discursivas na Sala Amarela*. Embora haja em outros subeventos uma valorização das experiências dos alunos, e isto seja demonstrado através das colunas 2 e 6 dos mapas de eventos, há nesse dois subeventos, especificamente (figura 6), uma presença mais contundente dessa situação. O primeiro deles, *Cotidiano dos alunos*, revela uma valorização das experiências dos alunos, seja em relação a como se deu a entrada deles na escola ou em relação às situações vivenciadas fora da escola. No segundo subevento, *Conhecimentos sobre história infantil*, são investigados os conhecimentos prévios dos alunos a respeito das histórias infantis. Esse último subevento também oportuniza um diálogo valorizando as vivências das crianças.

Em relação à terceira categoria: *Ecoando a voz do aluno*, o mapa de eventos (figuras 5,6 e 7 – cap. 2) nos revela, por meio da análise da coluna 2, ações da professora que indicam uma valorização da fala dos alunos, ou pelo menos, uma preocupação em oportunizar essa fala naquele espaço. Na coluna 6, dos mapas de evento podemos identificar esses aspectos e perceber que evidenciam situações de valorização do espaço de fala e de participação. Objetivamos mostrar que essa valorização revela uma preocupação da professora em propor discussões, ou mesmo, problematizar diferentes situações de fala e

de participações a partir do que os alunos dizem. Ela utiliza a fala dos alunos repetindo-a para a turma, levantando questionamentos e buscando conduzi-los à construção de significados (Moita Lopes, 1998).

3.1 A negociação da participação e o sentido do termo *ouvir*

Estaremos, neste tópico, apresentando os momentos selecionados, nos dois dias iniciais de aula, em que aparecem as palavras *ouvir*, *ouvindo*, *atento*, entre outras afins. Buscaremos revelar, através da análise, o sentido do *ouvir* e de sua utilização repetida pela professora no desenvolver das atividades.

Para isso, identificaremos na figura 8, a seguir, em quais contextos o *ouvir* aparece e no que pode implicar.

Figura 8 – contextos em que solicitações para ouvir ocorrem

Contexto		Número de vezes (2 dias de aula)
Na fala da professora	Com o propósito de garantir a fala dos alunos	27
	Com o propósito de garantir a sua própria fala	25
	Com o propósito de antecipar o que será trabalhado, em sala de aula, em relação às atividades que envolvam histórias infantis	05
Na fala dos alunos		0
Total (Professora e alunos)		57

Através da Figura 8, objetivamos demonstrar que, nos dois dias de aula analisados, a professora fez solicitações de silêncio para os alunos através do termo *ouvir* ou afins, num total de 57 vezes. Desse total 27 vezes foram feitas com o propósito de garantir a fala dos alunos; 25 vezes foram feitas com o objetivo de garantir a sua própria fala e 5 vezes para antecipar alguma atividade a ser trabalhada. Ressaltamos, ainda, que no decorrer dos dois dias de aula não houve qualquer manifestação dos alunos no sentido de solicitar silêncio utilizando o termo *ouvir* ou outros afins. Essas solicitações foram classificadas com o

propósito de evidenciar as intenções presentes nas intervenções da professora, no sentido de possibilitar a construção do espaço participativo. Nesse caso, o uso do termo *ouvir* ou outros semelhantes como, escutar, nos possibilita a análise dos diferentes momentos que compõem a dinâmica da aula e que serão apresentados no decorrer do capítulo.

3.1.1. Garantindo a fala dos alunos

Para melhor identificarmos o espaço de participação e o lugar que nele é dado ao aluno, selecionamos, a seguir, alguns recortes de fala em que as intervenções da professora objetivam construí-lo através da solicitação de que os alunos ouçam. O contexto de uso do termo *ouvir* ou semelhantes aparece 27 vezes (figura 8). Não estaremos aqui apresentando todos esses momentos, apenas selecionamos alguns como forma de demonstrarmos em que circunstâncias eles emergem e o que objetivam.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
386	Als. incompreensível (conversam entre eles e se agitam com a proximidade do horário de recreio)	P. o gente	Professora apresenta razões para que se ouça os outros
387		daqui a pouco	
388		nós vamos sair	
389		para o recreio	
390		Tá bom?	
391		inaudível	
392		se não ouvir nossos colegas	
393		a gente num sabe	
394		num sabe responder	
395		ou pensar	
396		pra gente responder	
397		nós temos de pensar	
398		num é?	
399		a gente tem de pensar	
400		então vamos ouvir	
401	vamos escutar		
402	Als. conversa paralela	aqui oh	
403		nós vamos escutar agora	
404		escutar	
405		oh!	

* 1º dia - Subevento: Cotidiano dos alunos

415	Als. incompreensível (participam falando para o colega ao lado, no grupo)	P. pera aí oh	Professora chama atenção dos alunos tentando dirigir suas falas para a turma
416		não vale falar	
417		junto com o colega	
418		Lucas	
419		não vale falar	
420		junto com o colega	
421		tem que falar	
422		para nós	
423			

* 1º dia – Subevento: Cotidiano dos alunos

Podemos identificar, através desses recortes, que a professora busca demonstrar aos alunos que é preciso assumir uma postura de ouvinte. O espaço da sala de aula é um espaço dinâmico, e para participar dele é necessário que estejam atentos à produção discursiva que nele se configura para pensarem a partir dela, como indica a professora: “se não ouvir nossos colegas, a gente num sabe, num sabe responder ou pensar”. O *ouvir* e o *escutar* são vistos pela professora como elementos importantes para elaboração do pensamento e para a construção de significado pelos participantes discursivos (MU 392 a 401). Quando ela chama a atenção para o *ouvir*, o que demonstra pretender não é simplesmente o controle comportamental, mas, sim, a busca da participação dos alunos e da formação de um coletivo capaz de ouvir e de se posicionar, conforme podemos identificar através das MU 392 a 397.

Ao falar para os alunos sobre o *ouvir*, a professora argumenta sobre sua importância para elaborar o pensamento indicando que a participação, em sala de aula, deve ser pensada e elaborada. O ato de refletir sobre a fala do outro para elaboração do pensamento e, por conseguinte, da fala e do posicionamento, diante de determinada situação, revela a construção de espaços de participação e de qualificação da participação e da fala.

“A aprendizagem da linguagem é já um ato de reflexão sobre a linguagem: as ações linguísticas que praticamos nas interações em que nos envolvemos demandam esta reflexão, pois compreender a fala do outro e fazer-se compreender pelo outro tem a forma do diálogo: quando compreendemos o outro, fazemos corresponder à sua palavra uma série de palavras nossas; quando nos fazemos compreender pelos outros, sabemos que às nossas palavras eles fazem corresponder uma série de palavras suas”. (Bakhtin apud Geraldí, 1997:17)

É possível relacionar o pensamento do autor com as intervenções da professora no que diz respeito à construção do que seja um espaço de participação. Para isso, ao chamar a atenção dos alunos para o ato de pensar, explicita o processo de reflexão que conduz à produção do significado na interação. É preciso *ouvir* o outro para pensar sobre o que ele diz.

Ouvir e *pensar* indicam atitudes a serem construídas no contexto e no percurso de escolarização. Na fala da professora transparece a necessidade delas caminharem juntas. Os

alunos devem compreender as discussões para construírem seus argumentos e conseqüentemente se posicionarem, como falantes naquele contexto.

Outro aspecto a ser analisado, se refere à definição dos interlocutores. “tem que falar para nós”. Ao chamar a atenção do aluno “Lucas, não vale falar junto com o colega” (MU 419-421), a professora estabelece, explicitamente, regras de participação e orienta a interlocução entre os participantes “tem que falar para nós” (MU 422-423). Nesse caso, evidencia que a interlocução não se dá somente entre ela e um aluno em particular e, sim, com toda a turma. Portanto, ela pede ao aluno que faça silêncio (MU 417-419) e que respeite a fala do outro. Além disso, garante a esse aluno o direito de falar e de ser ouvido por todos. Ele não está proibido de falar. Apenas deve compreender *em qual momento* deve falar e *para quem* deve falar. Nesse caso, o “nós” cumpre uma função definidora dos interlocutores, uma vez que define a turma como a entidade a quem o aluno deve se endereçar.

Nesse sentido, ao analisarmos, através dos recortes acima, o uso do *ouvir* e, por conseguinte, o seu desdobramento podemos perceber que por meio das falas: “se não ouvirmos nossos colegas a gente num sabe, num sabe responder”, “não vale falar junto com o colega, tem que falar para nós” encontramos situações que indicam a preocupação, da professora, em fazer com que os alunos participem. O primeiro exemplo reforça o argumento acima de que o aluno tem que estar atento, escutar e pensar sobre o que está sendo discutido para assim participar e, ao mesmo tempo, qualificar essa participação. O segundo revela a re-orientação da fala do aluno para o coletivo. Ao escutar e pensar sobre o que está em discussão, o aluno deve expor seus pensamentos para a turma. A sua fala deve ser dirigida ao coletivo para que tenha efeito e, assim, não se perca no vazio. Nesse sentido, essas falas constituem momentos de interlocução e de definição de interlocutores, sendo que as ações da professora contribuem para fazer com que os alunos se percebam como sujeitos do processo desenvolvido na sala de aula. São eles os sujeitos que constroem o contexto em que se inserem.

“depois você vai perguntar a mesma coisa” indicando sua preocupação com a possibilidade que mais tarde esse aluno, que não ouviu o que ela disse, acabe perturbando o andamento dos trabalhos. Quando todos já souberem o que fazer ele vai estar por fora do assunto. Nesse caso, é necessário estar atento para saber o que fazer e como participar. Se não estiverem atentos não escutarão, não pensarão sobre o que foi dito por ela, e perderão a informação se desviando, assim, do assunto que estava sendo discutido.

O segundo recorte revela outro momento de participação no qual a atividade a ser desenvolvida exigia silêncio dos alunos. Trata de uma cantiga que a professora ensinaria a eles. Para isso, utiliza estratégias para garantir que sua fala seja ouvida pelos alunos. É o momento em que, dentro de um jogo discursivo, define novas regras de participação. Para esta atividade, a maneira de participar é outra. O ritual muda e os alunos vão ficar calados, atentos, de olhos fechados e escutarão a voz da professora e os seus comandos. Percebemos, novamente, que o silêncio solicitado não se traduz em proibir a fala e, sim, em estabelecer maneiras de participar de uma atividade específica. Aos alunos, será permitido se manifestarem conforme as regras da atividade que está sendo desenvolvida. Não lhes é proibida a fala, ao contrário, o silêncio, nesse momento, se torna uma forma de participação. A atividade exige esse tipo de participação.

Isto nos leva a compreender que o processo interacional e as intervenções da professora possibilitam a construção de um espaço no qual as crianças compreendam que uso deve ser feito da fala nas diferentes situações que vivenciam. Ao garantir a sua fala, a professora, na verdade, está buscando promover a construção desse espaço.

3.1.3. O ouvir nas atividades que envolvem histórias infantis

Neste tópico, a referência ao *ouvir* aparece num contexto em que são trabalhadas atividades de histórias infantis. Estaremos, a seguir, observando dois exemplos referentes a esse contexto e identificando o seu sentido.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
480		P. você não gostou de nenhuma?	
481		oh que pena	
482		então	
483		nós vamos	
484		nós vamos	
485		ouvir muita história	
486		nessa sala	
487		muita estória	
488		e você?	
508		P. não	
509		e esse grupo aqui...	
510		vamos ouvir aqui agora	
511		qual é o nome e a história	
512		que ouviu e gostou	
513		aqui oh	
514		vamos ouvir	

Identificamos, nos recortes acima, que o termo *ouvir* implica a antecipação pela professora, de atividades que serão realizadas no decorrer do ano. Quando dialoga com os alunos sobre os seus conhecimentos a respeito de histórias infantis, a professora utiliza, ao mesmo tempo, o *ouvir* com o propósito de identificar os conhecimentos prévios dos alunos, como, por exemplo: “qual o nome e a história que ouviu e gostou” (MU 511-512) e, também, para dizer-lhes que as atividades que envolvam histórias infantis ocuparão um espaço de privilégio naquela sala, como em: “nós vamos ouvir muita história” (MU 484-485). Percebemos que a conotação dada ao *ouvir* se difere daquelas que vimos até então, identificadas nas ações da professora, apontando, assim, não para o silêncio, mas, sim, para aquilo que poderá ser dito ou falado. No caso, trata-se do que se sabe sobre história infantil e a própria leitura e contação de história que se configurarão em um fazer pedagógico da professora.

Identificamos (MU 510 e 514) que os sentidos do termo *ouvir* se misturam. Embora estejamos aqui analisando o *ouvir* com sentido de introdução de conteúdo, a professora utiliza o termo outras vezes para garantir o espaço para o debate sobre o assunto “ouvir histórias”. Vimos, com isso, que, mesmo nas mais diversas situações, a professora, em suas ações, busca chamar os alunos à participação, seja dizendo “vamos ouvir aqui agora”, seja dizendo “nós vamos ouvir muita história”. Ao falar para os alunos que eles ouvirão muita história, a professora evidencia uma forma de participação a ser construída em sala de aula,

pretendendo, com isso, demonstrar que ouvir história também é uma forma de participar e que nos remete ao *pensar*, abordado anteriormente. Ouvir história conduz a pensar sobre ela, a elaborar o pensamento, a posicionar-se emitindo opinião, a qualificar a discussão e, conseqüentemente, a participar e a falar sobre o que pensa. Isso significa que o ouvir história, assim como, os demais *ouvir*, também se faz relevante na constituição de um espaço de fala e de participação no processo de escolarização, e particularmente no processo de alfabetização, uma vez que implica no que será dito e no como será dito, evidenciando, assim, o lugar de fala dos participantes num contexto situado.

3.1.4. Considerações sobre os diferentes contextos analisados

Através da figura 8, podemos observar que, nos dois dias de aula analisados, a professora fez solicitações de ouvir, para os alunos, num total de 57 vezes. Considerando essas situações, identificamos que há no uso do termo *ouvir*, pela professora, uma solicitação de silêncio. Porém, essa solicitação de silêncio apresenta uma particularidade diferente daquelas que já vimos nas discussões de Soares, (1988), Ferreira (1991) e outros. Não se trata aqui de um silenciar que leve o aluno a se calar diante das situações de fala em sala de aula e, sim, uma busca da garantia de participação da turma nas atividades.

Mesmo que os recortes se refiram a momentos e dias diferentes, identificamos características peculiares neles. Por exemplo, a frase “quem está me ouvindo?” se repete em muitos e traduz significados semelhantes. Outro aspecto que foi possível identificar, através dos recortes, refere-se ao fato de a professora tentar chamar a atenção para si. Observamos a focalização, em sua pessoa, que nos faz refletir sobre o seu lugar de interlocutora no espaço da sala de aula. Compreendemos que chamar a atenção para si revela a intenção de voltar os olhares dos alunos para ela, particularmente, para a situação discursiva daquele momento, configurando-se, assim, numa convocação para a participação coletiva. A frase “quem está me ouvindo?”, que exemplifica esse fato, seja sozinha ou seja seguida de um estalar dos dedos pela professora nos remete a essa idéia de chamado da turma. Esse ato se configura em uma constante na sala de aula e ocorre em situações em que precisa garantir o espaço de fala. A frase sugere portanto, a busca de confirmação

daquilo que seria sua expectativa naquele momento: que todos estivessem prestando atenção no que ela estava dizendo.

Quando a professora diz da dificuldade de ouvir o que os alunos falam, revela sua reação às falas paralelas dos alunos que acontecem na sala e, concomitantemente, realiza a intervenção buscando garantir o espaço de fala. Nesse caso, pensamos que quando chama a atenção para si na interlocução, indica uma tentativa de garantir que o discurso produzido pelo aluno seja escutado por todos na sala de aula. O que podemos observar é que a professora assume uma posição de orientadora da produção discursiva e busca garantir uma efetiva participação de todos, seja como ouvintes, seja como aquele que detém o turno.

Oportunizada pela ação da professora a participação se dá através da valorização do espaço de fala. *Ouvir* significa, portanto, o direito de falar sobre os diversos temas que surgem na aula e dela se fazer participante. Para que isso aconteça, é preciso estabelecer formas de participar. Nesse caso, as regras aparecem tácita ou explicitamente no jogo discursivo que se instala naquele espaço criando, assim, condições para que a participação seja construída.

3.2. Valorização das vivências dos alunos

Para desenvolvermos a análise sobre a valorização das vivências dos alunos, selecionamos três recortes de falas que serão apresentados a seguir. No primeiro, a professora investiga os programas que os alunos assistem na tv em suas casas, no horário noturno. Esse recorte faz parte do primeiro dia de aula e pode ser localizado no mapa de eventos no subevento *Cotidiano dos alunos*. Os segundo e terceiro recortes tratam de discussões sobre histórias infantis. Fazem parte do subevento *Conhecimentos sobre histórias infantis*, também realizado no primeiro dia de aula.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
406		Alguns de vocês	
407		disseram que ficam	
408		até tarde da noite	
409		vendo televisão	
410		Quem fica	
411		até tarde da noite	
412		vendo televisão...	
413		Que programa	
414		que ele assiste...	
415	Als. incompreensível		
416		P. pera aí oh	
417		num vale falar	
418		junto com o colega	
419		Lucas	
420		não vale falar	
421		junto com o colega	
422		tem que falar	
423		para nós	
424		e se o colega diz	
425		qual o programa que ele vê	
426		eu não preciso repetir	
427		tá?	
428		vamos lá	
429		quem fica até tarde?	
430		quem fica até tarde?	
431	Als. Eeeu		
432		P. aah tá	
433		então vamos ouvir aqui	
434		que programa que você assiste	
435	Al. eu fico até noitão		
436		P. você fica até noitão	
437		E que programa que você assiste?	
438	Al. eu assisto Cartoon		
439		P. você fica direto	
440		no Cartoon	
441		ahn	
442		e você?	
443	Al. Inaudível		
444		P. quem que não...	
445		que	
446		não assis...	
447		que assiste	
448		outro programa	
449	Al. eu, eu		

* 1º dia – Subevento: Cotidiano dos alunos

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
489		P. você não gostou	
490		de nenhuma?	
491	Al. incompreensível	oh que pena	
492	(alunos conversando junto)	então	
493		nós vão	
494		nós vamos ouvir	
495		muita estória nessa sala	
496		muita estória	
497		e você?	

* 1º dia – Subevento: conhecimentos sobre história infantil

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
518		P. como você chama?	
519	Ala. responde (incompreensível)	Olha	
520		Ela ouviu um monte	
521		Viu Lucas	
522		Lucas...	
523		Ela ouviu	
524		muitas estórias	
525		e esqueceu	
526		a que ela gosta	
527		né?	
528		esqueceu	
529		todos os nomes	
530		você esqueceu?	
531	Ala. Todos não (inaudível)		
532		P. inaudível	
533		então	
534		a hora que você lembrar	
535		você me fala	
536		tá?	
537		e o seu nome?	
538	Ala. Yara		
539		P. Yara	
540		aqui oh	
541		olha a Yara,	Professora fica calada por alguns segundos
542		aqui oh	
543		você tem alguma estória	
544		que você gosta?	
545		qual?	
546	Yara. Chapeuzinho Vermelho		
547		P. chapeuzinho vermelho...	
548		todo mundo aqui	
549		conhece a estória	
550		do Chapeuzinho Vermelho?	
551	Als. Eeeuu....		
552		P. e você?	
553		como chama?	
554	Ala. Isabel		
555		P. Isabel	
556		Isabel...	
557		tem alguma que você	
558		gostaria de falar?	
559	Izabel. A pequena Sereia		
560		P. A pequena Sereia	
561		e você?	

* 1º dia – Subevento: conhecimentos sobre histórias infantis

Observamos que, conforme as MU 406 a 409, a professora dá continuidade a um assunto que surgiu em outro momento da aula: “alguns de vocês disseram que ficam até tarde da noite vendo televisão”. O assunto sobre programa de televisão que os alunos assistiam surgiu, informalmente, na sala de aula sendo legitimado pelas ações dos participantes, particularmente da professora, passando a fazer parte do conjunto de coisas sobre as quais alunos e professora podem conversar em sala de aula. Esse momento

suscitou discussões e promoveu participações dos alunos que manifestaram o desejo a de falar sobre o que assistiam.

Tendo como ponto de partida a fala dos alunos sobre suas vivências, a professora organiza um diálogo que permite não somente conhecer o que os alunos costumam fazer em casa à noite (assistir televisão, por exemplo) mas também oportuniza que o aluno fale sobre seus interesses e experiências. Ao observarmos o recorte de fala (MU 406 a 561), identificamos um diálogo entre professora e alunos em que a docente realiza uma sondagem dos conhecimentos deles. Nesta sondagem, ela busca fazer com que cada aluno fale sobre suas experiências com histórias infantis. Essas experiências, reveladas por cada um deles, são utilizadas pela professora para promover a interação. A partir da fala de um aluno, ela convoca a participação dos demais perguntando sobre o assunto e, ao mesmo tempo, fazendo com que cada um se identifique. As experiências, no caso, se tornam um instrumento pedagógico utilizado pela professora para desenvolver a atividade proposta e promover a participação dos alunos.

Podemos assim dizer que a fala dos alunos é oportunizada naquele espaço. Nesse sentido, nos referimos, justamente à intervenção da professora que revela, em sua fala, a preocupação em promover discussões sobre assuntos que sejam de interesse dos alunos e que tenham partido de manifestações deles, problematizando e incentivando a participação através da fala.

Nos dois últimos recortes anteriores, identificamos que a valorização das experiências se faz recorrente. Abordando o Subevento: *Conhecimentos sobre histórias infantis*, percebemos que a professora revela aos alunos que, no espaço da sala de aula, eles terão contato com muitas histórias (MU 494-495, “nós vamos ouvir muita história nessa sala”). Trata-se apenas um momento de conversa sobre histórias infantis, entre a professora e os alunos em que levantará alguns conhecimentos prévios das crianças sobre o assunto. Nesse sentido, através dessa atividade, ela demonstra a preocupação em diagnosticar o perfil dos alunos ao conduzi-los a explicitarem seus conhecimentos a respeito das histórias infantis.

De acordo com as pesquisas de Soares, 1988; Franchi, 1998; Batista, 1997; é possível perceber que se privilegia, no processo de alfabetização, a aprendizagem da escrita em detrimento de uma reflexão sobre o uso da fala em diferentes situações sociais. O que

esse momento inicial de aula tem nos indicado é, justamente, uma possível inversão desse privilégio (Marcuschi, 2001) revelada na prática da professora.

Outro aspecto revelado pela análise refere-se à preocupação da professora em identificar os alunos (MU 518, 537, entre outros). Antes de perguntar-lhes sobre o assunto em discussão, procura saber como se chamam. Além disso, os nomes são repetidos em voz alta, por ela, assim que ditos pelos respectivos alunos (MU 530, entre outros), demarcando, portanto, mais uma vez, a interlocução naquele espaço. Essa situação pode ser exemplificada quando os alunos se dirigem à professora para responderem as suas perguntas e ela, no entanto, direciona para a turma a fala desses alunos procurando saber o que conhecem sobre o assunto: “todo mundo aqui conhece a história do chapeuzinho vermelho?” (MU 548-550). Ao chamar o aluno pelo nome ele passa a ser seu interlocutor. A fala da docente, nesse caso, teve um endereçamento certo: o aluno escolhido. Este aluno, por sua vez, responde ao que foi questionado, tendo que endereçar a sua fala a alguém. Nada mais óbvio que endereçá-la a quem lhe perguntou: a professora. O grupo como um todo aparece no momento em que a professora orienta a fala do aluno para todo o conjunto da sala deixando, assim, de ser o único interlocutor daquele aluno. Outro elemento que contribui para esta análise é o fato da sala estar organizada em grupos. Por mais que a docente dirija-se a um respectivo aluno, ele não se encontra isolado.

A valorização das vivências do aluno, da interlocução e do espaço de fala que é dado a eles, pode ser evidenciado também através da fala da professora quando diz: “a hora que você lembrar você me fala tá?” (MU 534-536). Identificamos que o espaço de fala não se restringe ao aqui e agora. Uma vez que a criança não respondeu à pergunta feita pela professora, naquele instante, a ela é reservado o direito de se pronunciar em outro momento posterior e oportuno. Identificamos, nessa atitude da professora, um incentivo à participação e à fala dos participantes. As experiências poderão ser reveladas assim que um novo contexto o possibilitar. Nesse caso, a acolhida da professora dá suporte à criança para que possa se manifestar depois.

Analisamos, em seguida, a terceira e última categoria definida, nesta pesquisa, que abordará, particularmente, o espaço que a fala do aluno vai ganhando no contexto da sala de aula.

3.3. A fala do aluno na construção do espaço de participação

Os recortes de fala, a seguir, nos mostrarão como a voz do aluno repercute no espaço da sala de aula e como a professora (re)orienta as suas intervenções a partir dos discursos produzidos pelos alunos. No mapa de eventos, isto foi chamado de “eco ou ressonância da voz do aluno”. Eco de acordo com o dicionário da língua portuguesa (Houaiss) pode significar um fenômeno físico que gera repetições ou a repercussão de um fato. Para essa pesquisa, optamos pelo sentido da repercussão, o que quer dizer que trataremos a voz do aluno como algo que repercute no espaço da sala de aula, e que gera novas participações e intervenções. No próximo tópico, estaremos analisando recortes que melhor identificarão esse eco em sala de aula.

3.3.1. O eco da fala do aluno

A seguir, apresentamos recortes de fala que revelam momentos de participação dos alunos em sala de aula, bem como a constituição dessa participação a partir da criação de oportunidade de fala e de valorização da fala dos alunos.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
124		P. se o colega tiver que falar	Estão falando sobre o primeiro contato, de muitos dos alunos com a escola
125		e parece que é uma coisa importante que ele vai falar...	
126			
127	Cláudio. quando eu cheguei		
128	nessa escola aqui		
129	né		
130	é:::		
131	aqui eu achei		
132	muito legal		
133	é:::		
134	e também		
135	eu vim aqui		
136	num foi		
137	porque minha mãe arrumou		
138	não		
139	eu vim aqui		
140	porque eu fui sorteado		
141	e eles me...		
142		P. e o que é ser sorteado	
143		ehn?	
144		que que é isso	
145		vocês tão falando assim	
146		eu fui sorteado	
147	Als. Eu sei		

148		P. espera aí	
149		vamos deixar	
150		o seu colega lá falar	<i>Vários alunos falam ao mesmo tempo</i>
151		como você chama?	
152	Lucas. quando a gente...		
153	é:::		
154	Lucas		
155	quando a gente		
156	é sorteado		
157	entra num negócio		
158		P. que negócio	
159		que a gente entra?	
160	Als. inaudível		
161		P. que negócio?	
162	Als. Aí, aí (inaudível)		Todos falam juntos
163		P. olha	
164		que que a colega de vocês	
165		tá dizendo oh	
166		aqui oh	
167		ela tá dizendo	
168		o seguinte	
169		que botou	
170		o nome num papelico	
171		juntou o papelzinho...	
172	Als. inaudível		
173		P. mas	
174		por quê será	
175		olha aqui	
176		por quê será	
177		que teve esse negócio	
178		de botar nome	
179		e ser sorteado	
180		por quê será?	
181	Als. porque a gente coloca		
182	aí tem		
183	de ver quem é sorteado (inaudível)		

* 1º dia – Subevento: Retomada do 1º momento em sala de aula

Partindo da fala do aluno: “eu vim aqui porque eu fui sorteado e eles me” (MU 139-141), particularmente do termo sorteado, a professora toma o turno e desenvolve uma série de intervenções, promovendo uma discussão sobre a admissão das crianças naquela escola. Quando nos referimos ao Eco da voz do aluno em sala de aula, estamos falando, justamente desses momentos. A fala do aluno não tem um fim em si mesmo. Ela é retomada pela docente que a problematiza e chama a turma para uma reflexão sobre a questão em discussão. A partir do termo “sorteado”, presente na fala do aluno, a professora desenvolve sua aula e promove as interações investigando a compreensão dos alunos. Ela poderia, naquele instante ter dito o que significa sorteado e encerrado o assunto. No entanto, buscou significar o termo de acordo com o que os alunos haviam vivenciado no processo de seleção para entrar na escola.

A análise desse segmento, revela que a professora inicia uma discussão sobre o reconhecimento do espaço da escola e introduz outros assuntos que permitem a interação entre os alunos. Ao introduzir o assunto, espera que os alunos se manifestem em relação a ele. Para isso, busca garantir o espaço para a fala dos alunos (“se o colega tiver que falar e parece que é uma coisa importante que ele vai falar” – MU 124-126). Na seqüência temos a fala de um aluno e, logo após, a retomada do turno pela professora que aproveita a fala desse aluno para desenvolver a atividade. Observamos que as falas dos alunos vão revelando elementos que contribuem para definir o rumo das produções discursivas naquele espaço. A professora, no caso, apresenta-se como mediadora desse processo, utilizando esses elementos, valorizando-os e, a partir deles, promovendo o debate.

Outro dado importante para compreendermos como o espaço de fala vai se configurando está na fala da professora quando diz aos alunos: “se o colega tiver que falar e parece que uma coisa importante que ele vai falar” e “olha que que a colega de vocês está dizendo” (MU 124-126 e 163-165). Podemos observar nesses exemplos que, além de utilizar a fala dos alunos para promover o debate em sala, ela procura garantir que os alunos sejam ouvidos e possam falar o que pensam sobre o assunto. A fala do aluno é importante e deve ser ouvida por todos. A participação vai se configurando a partir de regras, às vezes implícitas e às explícitas, nas intervenções da professora as quais se situam entre o *falar* e o *ouvir*, sendo eles definidores de um espaço em construção.

A fala do aluno, no caso, é utilizada para problematizar um tema ou uma situação vivida por eles e, principalmente pelos pais, para fazer com que ingressassem na escola. O tema abordado permite aos participantes discursivos construir uma cadeia específica de inferências que caracteriza a dinâmica estabelecida no contexto da sala de aula. As falas ganham significados ao se interagirem e a professora busca problematizar o conhecimento dos alunos conduzindo-os à reflexão por meio de perguntas como, por exemplo: “o que é ser sorteado ehn?” “que que é isso”, “que negócio que a gente entra?” (MU 142-144, 158-159, 161, 173-180, entre outros). Mesmo que, possivelmente, ela conheça a resposta para as perguntas que faz, insiste em fazer com que os alunos se posicionem diante da situação que ocorre naquele espaço.

Ao utilizar a fala do aluno, problematizá-la e, em seguida, promover uma discussão com a turma, a professora demonstra que a intervenção pedagógica escolhida busca

privilegiar uma interlocução com o grupo, para o grupo e entre os participantes do grupo. Implica, portanto, em uma construção e interpretação de significados; em um diálogo que comporta perguntas e respostas fugindo de uma linearidade peculiar ao contexto da sala de aula. Observamos, ainda, que há um misto de assimetria e simetria (Marcuschi, 1998; Moita Lopes, 1995) na prática da professora. Entendemos que, mesmo sendo diferente os papéis de professor e aluno e, portanto, estejam em diferentes condições de produção discursiva, não se verifica uma univocidade na atuação da professora. Ela tem demonstrado uma preocupação em promover um espaço em que os alunos se façam sujeitos atuantes. Para isso, a professora em suas intervenções explicita quem são os interlocutores no espaço da sala de aula.

Observaremos que o próximo segmento de fala, de certa forma, reforça o que foi discutido nesse tópico.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
392	Als. incompreensível	o Valter disse	Alunos participam com Sugestões
393	alunos dão sugestões porém,	que poderia	
394	falam ao mesmo tempo	ser resolvido assim	
395		deu uma idéia	
396		Paulo Henrique	
397		um de Paulo	
398		o outro de Paulo Henrique	
399		um de Paulo	
400		e o outro de Paulinho	
401		agora	
402		a gente tem que pensar	
403		se os dois Paulo concordam	
404		você concorda	
405		de ser chamado	
406		de?	
407	Paulo Ricardo. Paulo	P1. e você?	
408		você falou	
409		que gostaria de ser chamado	
410		de Paulinho	
411	Paulo Moreira. É	P1. então	
412		você põe Paulinho	
413		resolvido	
414		aqui oh	
415		Paulo	
416		é o Paulo Ricardo	
417		e o Paulinho	
418		é o Paulo Moreira	
419			
420			

*2º dia – Subevento: Retomada da confecção de crachá

Verificamos que, a princípio a professora valoriza a fala do aluno dizendo que ele tem uma sugestão - “o Valter disse que poderia ser resolvido assim” (MU 392-394) - para a questão que estava sendo discutida, naquele momento. Trata-se de um momento importante para as crianças, pois estarão escolhendo o nome a ser escrito no crachá e pelo qual gostariam de ser chamados e reconhecidos pelos colegas. A partir dessa situação - confecção do crachá - foi se estabelecendo um espaço de interação em que os participantes puderam dialogar sobre a maneira pela qual gostariam de ser identificados perante o grupo e pelo grupo. Temos, então, promovido por essa situação, um momento em que os alunos se manifestam se posicionando e se revelando ao grupo como sujeitos que têm um nome e uma identidade (Moita Lopes, 1998; Kleiman, 1998) a ser ressaltada naquele espaço.

Não somente a fala do aluno é valorizada nesse momento, como é dado àqueles que possuem nomes semelhantes o direito de escolha e de se pronunciarem sobre essa escolha, e sobre as sugestões dos colegas como podemos identificar na fala da professora: “a gente tem que pensar se os dois Paulo concordam” (MU 402-403). Esse processo diz de uma relação em que os diferentes participantes têm espaço para se posicionarem a respeito do que pensam sobre o assunto tratado. Nessa situação, como em outras, a docente se posiciona como mediadora da interação entre os participantes contribuindo para que o grupo possa alcançar seus objetivos. Os alunos fazem suas intervenções demonstrando que compreendem que esse é um espaço que vem se configurando como participativo e que falar se torna relevante para que possam se relacionar e interagir.

Novamente identificamos que é dado ao aluno a oportunidade de atuar e de se expressar face às diferentes situações que emergem no contexto da sala de aula. Os interlocutores, aos poucos, vão se definindo e os respectivos papéis sendo assumidos por todos, no caso, professora e alunos.

O posicionamento do aluno aqui tratado será melhor abordado no tópico seguinte. Nele retomaremos a discussão sobre a qualificação da participação, entendendo que ela não deva ser qualquer uma. É preciso pensar e refletir sobre o que falar.

3.3.2. O pensar e o refletir conduzindo à participação

Apresentamos, neste tópico, uma seleção de cinco recortes que fazem parte de diversos subeventos. O primeiro e o segundo recortes referem-se ao subevento *Identificação do aluno e do professor e verificação de conhecimentos lingüísticos* (1º dia); o terceiro e o quarto situam-se no subevento *Hora da merenda e recreio* (1º dia); o quinto faz parte do subevento *Confeção de crachá* (2º dia). Seguindo essa ordem apresentaremos e analisaremos, primeiramente, três recortes referentes aos respectivos subeventos e em seguida outros dois.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
197	Als. incompreensível (falam juntos)	P. olha aqui oh	Antes desse momento a professora diz não saber o nome dos alunos e eles saberem o dela
198		É Na	
199		rri	
200		mam	
201		vamos pensar	
202		no meu nome	
203		aqui oh	
204		tem alguém dessa sala	
205		que começa	
206		com a letra do meu nome?	
207		como cê chama	
208		Ala. Natacha	
209	Natacha começa com...		
210	com a mesma letra		
211	da Narriman?		
212			

* 1º dia Subevento: Identificação do aluno e do professor e verificação dos conhecimentos lingüísticos

298	Al. o som	P. rã:::	
299		olha	
300		Narriman	
301		Narriman	
302		rima com rã	
303		Inaudível	
304			
305		P. o som	
306		E qual que é?	
307		que outras palavras	
308		que vocês conhecem	
309		que termina parec...	
310	com esse som		
311	Narriman		
312	rã		

* 1º dia Subevento: Identificação do aluno e do professor e verificação dos conhecimentos lingüísticos

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
570		P. olha	
571		Porque será?	
572		Quem pode pensar	
573		sobre isso	
574		e responder...	
575		Vamos pensar	Assunto sobre ir ao
576		se dá	banheiro todos de uma vez
577		pra todo mundo ir junto	
578	Al. é porque ali		
579	tem gente		
580	e num vai cabê		

* 1º dia – Subevento: a hora da merenda e recreio

O subevento *Identificação do aluno e do professor e verificação dos conhecimentos lingüísticos*, como já visto, trata da apresentação dos alunos e da professora e de uma investigação sobre os conhecimentos que os alunos possuem em relação à escrita.

Para tratarmos dos dois primeiros recortes, devemos observar que eles se referem a esse subevento mais propriamente aos conhecimentos lingüísticos. Os dois trazem elementos que já foram vistos anteriormente, tais como *pensar* para se posicionar, e que revelam possibilidades de construção da participação.

Ao utilizar o seu próprio nome para trabalhar as relações fonéticas-fonológicas e ortográficas (Lemle, 1995; Zorzi 1998), a professora busca levantar questões que promovam a intervenção das crianças, assim como, em outros momentos, ela busca problematizar as situações que emergem no contexto da sala de aula.

Durante o subevento, observamos que ela conduz os alunos a perceberem a relação entre o som e a escrita da sílaba. Para realizar essa atividade, é necessário que os alunos se posicionem e falem o que pensam. Novamente a palavra pensar surge (MU 201-203 e 572-574). O sentido também é semelhante ao que vimos em tópicos anteriores. É preciso pensar para participar. A participação tem que ter uma determinada qualidade. Não se pode falar qualquer coisa, de qualquer maneira, em qualquer situação de produção discursiva (Foucault, 1998; Geraldi, 1997).

Buscamos, nos parágrafos anteriores, demonstrar que, embora a atividade seja distinta de outras já observadas, há algo que se repete nas intervenções da professora. Mesmo trabalhando com uma diversidade de atividades na sala de aula, procura ser coerente em suas intervenções. Sua postura revela uma intencionalidade que pode possibilitar a construção de um espaço participativo. Observamos, ainda, que a fala aparece,

nesse momento, também como um suporte à aprendizagem da escrita. A produção discursiva, que aqui se realiza, nos revela uma abordagem e uma construção dos conhecimentos lingüísticos característicos do processo de alfabetização. Identificamos que o fazer pedagógico da professora indica muito mais do que essa abordagem e essa construção. Ele implica qualificar a participação dos alunos conduzindo-os à construção de seus conhecimentos e, assim, significando-os de acordo com a realidade de cada aprendiz.

Abordando os dados da pesquisa de Batista (1997), tratados anteriormente no capítulo 1, e comparando-os aos dados coletados, neste estudo, no que se refere ao trabalho pedagógico desenvolvido pelas professoras, é possível identificar uma semelhança entre as atividades realizadas, sendo ambas atividades relacionadas ao código escrito. A professora identificada na pesquisa de Batista (1997) desenvolve uma atividade de correção de produção textual. Ao realizá-la, aborda a acentuação (na fala) da palavra “ruins”, dita sem acento por um aluno, privilegiando aspectos fonéticos-fonológicos da relação fala/escrita. A professora aqui pesquisada não utiliza uma produção textual, porém, através das letras do seu nome, busca sondar os conhecimentos dos alunos a respeito das relações anteriormente mencionadas, conforme podemos identificar nos segmentos de fala anteriores. A professora da pesquisa de Batista (1997), segundo o autor, estabelece uma estratégia de organização local do discurso. Isto significa uma estratégia organizada em seqüências triádicas de turnos (Batista, 1997) em que a fala do aluno é controlada pela professora em uma relação de pergunta e reação da professora. Os interlocutores são por ela selecionados e a eles é concedido o espaço de fala. Diferenciando-se dessa prática, os dados analisados nos permitem identificar que a professora busca envolver a turma no processo sem selecionar este ou aquele interlocutor, como no exemplo: “tem alguém dessa sala que começa com a letra do meu nome?” (MU 204-206). A sua fala é dirigida a toda a turma e, quando escolhe um aluno para falar ou responder à pergunta feita, trata-se de um aluno que tenha manifestado o desejo de falar. Pretendemos, com isso, demonstrar que, embora seja um primeiro dia de aula, a intenção pedagógica e a concepção de educação dessa professora se tornam explícitas. Identificamos, portanto, uma diferença entre as duas professoras no trato da construção dos conhecimentos lingüísticos e na compreensão do conceito de interação e interlocução. A professora identificada na pesquisa de Batista(1997)reafirma o pressuposto, desta pesquisa, sobre o privilégio do ensino-aprendizagem da escrita no processo de

aquisição da língua. Já a professora, desta pesquisa, revela possibilidades de entendermos a fala no processo de alfabetização, não somente como um apoio à aquisição do código escrito, mas, também, como um elemento importante na construção de um sujeito participativo e atuante.

Para discutir a construção desse sujeito participativo, é importante retomarmos as discussões que fizemos sobre a qualificação da participação. O *pensar* torna-se, então, fundamental para qualificar essa participação. Caso contrário, todos falariam de tudo e sobre tudo a qualquer momento e em qualquer contexto discursivo. No segmento abaixo, podemos identificar um exemplo dessa natureza.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
622		Tá bom?	A professora vinha dizendo aos alunos sobre o que poderiam fazer no recreio
623		Tem muita coisa	
624		pra fazer	
625		Que mais	
626		alguém quer perguntar	
627	Als. Eu		
628	Eu		
629	eu		
630	é rapidinho		
631		P. Breno	
632	Breno. Incompreensível		
633	Alunos falam juntos)	P. ok	
634		e o Paulo	
635		o que o Paulo	
636		quer perguntar?	
637	Paulo. Incompreensível		
638	(alunos falam juntos)	P. pode ir ao banheiro	
639		Vai no banheiro	
640		lava as mãos	
641		e volta	
642		Patrícia	
643	Patrícia. A primeira vez		
644	que eu vim aqui		
645	minha tia trabalhou aqui		
	(inaudível)		
646	na casa de família		
647	só que tem		
648	que eu to muito feliz		
649	de tá aqui na escola		
650		P. rum rum	
651		Quem mais	
652		quer perguntar	
653		alguma coisa	

* 1º dia – Subevento: Hora da merenda e recreio

Primeiramente observaremos que, novamente, o espaço de participação é aberto para todos – “que mais alguém quer perguntar?” (MU 625-626). Enquanto nos recortes

anteriores a professora se voltou para os aspectos lingüísticos do código escrito, garantindo um espaço em que os alunos pudessem expor seus conhecimentos, neste recorte, há uma continuidade da manutenção do espaço participativo sem, necessariamente, trabalhar a relação entre fala e escrita. Além disso, ao dirigir-se para a turma perguntando se alguém deseja falar ou perguntar algo, a professora reforça a situação de interlocução daquele espaço a ser observado também no recorte seguinte.

Refletindo sobre a participação, entendemos que ela não pode ser qualquer uma e que não pode se dar de qualquer maneira. Como vimos em Foucault (1998), existem mecanismos de controle do discurso que vêm se evidenciando em todo esse processo até então analisado. A construção da participação exige que algumas regras sejam obedecidas. Não se fala qualquer coisa, de qualquer maneira e a qualquer instante. Verificamos, no recorte acima, que as regras de participação se explicitam quando Patrícia realiza uma fala que destoa do assunto discutido em sala, naquele momento (MU 643-649). A essa fala a professora responde com um breve “rum rum”, ou seja, um resmungo que significa ter ouvido o que a aluna disse, mas que tal fala não caberia naquela circunstância já que o assunto que estava sendo tratado era outro e aquela fala não cabia naquele contexto (Foucault 1998). Isto se evidencia melhor nas MU seguintes nas quais a professora, após ouvir a aluna, direciona a sua fala para todo o grupo procurando saber se há mais algum aluno que deseja se posicionar face ao assunto em questão (MU 651-653). Isso significa não um calar sem poder dizer nada, mas, sim, uma proibição compreendida nos termos usados por Foucault em que não se pode falar tudo o que se deseja independente do lugar em que se esteja ou que ocupe. Nesse caso, a interdição incide sobre o assunto e o contexto em que o discurso é produzido e, também, sobre os sujeitos que o produzem.

Dando continuidade à discussão sobre a qualificação da participação e sobre o significado que os participantes constroem no processo de interação, estaremos abordando o último recorte selecionado para concluirmos nossa análise sobre essa categoria.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
96 97 98 99 100 101	Als. incompreensível	P. olha aqui Quem num sabe aqui vão levantar o dedinho quem quiser falar só o Vagner	<i>Os alunos estão agitados falando ao mesmo tempo</i>

102		o Vagner	A (outra) professora vai
103		vai explicar	falar sobre o crachá.
104		pra gente	neste instante
105		pra quem não sabe	apresenta regras de
106		o que é crachá	participação
107		você sabe Vagner?	
108		então	
109		explica pra gente	
110		o que é o crachá	
111	Vagner. incompreensível		
112	(alunos falam juntos)	P. tá	
113		agora existe...	
114		pra que que serve	
115		esse crachá	
116	Als. pro nome		
117		P. pra colocar o nome	
118	Als. eu sei		
119	quando a escola		
120	tiver assim		
121	pra gente		
122	colocar no pescoço		
123		P. isso	
124		então	
125		olha	
126		o crachá serve	
127		pra gente identificar	

* 2º dia – Subevento: Confecção do crachá

Relembrando que esse recorte refere-se ao subevento que trata da confecção do crachá, percebemos que a professora, ao introduzir o assunto, busca produzir um sentido para os alunos sobre o que seja o crachá. Observamos que, durante o subevento, ela estabelece um discurso que promove a participação dos alunos levando-os a uma construção da realidade.

Os alunos apresentam suas posições e sua compreensão do que seja crachá e suas falas são utilizadas e reelaboradas pela professora que busca dar um sentido a elas. Quando um aluno diz que sabe para que serve o crachá e diz que é para colocar no pescoço (MU 118 a 122), sua fala é imediatamente retomada pela professora que confirma sua hipótese e diz que o crachá serve para identificar (MU 126-127). O que podemos observar é que a escolha discursiva da docente privilegia a construção de um espaço que promova a reelaboração conceitual pelos alunos. Ao fazer uso da fala do aluno, dos argumentos que nela aparecem, ela retorna, para a turma, a questão trazida por eles, introduzindo conceitos como, por exemplo, identidade.

Não é nosso objetivo discutir tal conceito, apenas o utilizamos como exemplo para demonstrar que o conceito de identidade é introduzido em um determinado momento da

dinâmica da sala de aula e, em seguida, relacionado a um elemento do cotidiano do aluno produzindo um sentido real para ele. A produção discursiva, nesse caso, nos revela que a professora busca dar um sentido ao que está sendo trabalhado em sala de aula. De acordo com Moita Lopes (1998), podemos compreender essa postura da professora como uma postura embasada em um aporte teórico que privilegia a produção de significado, considerando-a como uma construção da realidade social. Ao promover a interação entre os participantes e ao abrir o espaço de fala para esses participantes, inaugura-se a possibilidade de analisarmos os significados que são construídos, nesse processo, entendendo que eles demonstram como os participantes vêem o mundo e a si mesmos nesse mundo (Shotter apud Moita Lopes, 1998).

Sintetizando

Procuramos, nesse capítulo, abordar as três categorias selecionadas no capítulo anterior que são: a negociação do espaço de participação (*o ouvir*), a valorização das vivências cotidianas dos alunos e o eco da voz do aluno. Elas nos permitiram identificar, por meio dos recortes/segmentos de fala, como a professora conduz suas aulas e qual é o espaço dado à fala e à participação dos alunos no cotidiano da sala de aula.

Identificamos um privilégio do trabalho coletivo em detrimento do individual. Não só a organização física da sala, mas, também, as interlocuções que nela se configuram denotam esse privilégio do coletivo. Os recortes de fala possibilitaram identificar, com um foco mais direcionado, as interlocuções e o processo participativo da turma. Foi possível observar, ainda, que a recorrência do termo *ouvir*, identificada nos mapas de eventos, é uma constante no discurso da professora e que, embora traduza uma solicitação de silêncio, não significa que haja um silenciamento ou um calar dos alunos. A conotação do termo *ouvir* se traduz em uma busca da organização de um espaço de participação de todo o grupo. Nesse caso, o uso do *ouvir* configura, muito mais, uma maneira de organizar o espaço participativo e de garantir a fala dos alunos.